

COLEÇÕES E COLECIONADORES: AS PRÁTICAS DE COLECIONAR, MOTIVAÇÕES E SIMBOLOGIAS

Célia Oliveira¹

RESUMO

Os colecionadores desenvolvem uma relação muito peculiar e intensa com os objetos da sua coleção. Uma vez associadas a experiências pessoais, as coleções influenciam a identidade do colecionador, refletindo muito da sua personalidade no que coleciona e na forma como coleciona. Este artigo pretende abordar alguns destes aspetos, nomeadamente aqueles que se relacionam com as práticas de colecionar, mediante uma breve revisão da literatura e focando-se as obras de investigadores reconhecidos nesta área de estudo. Oferece-se à reflexão uma análise sobre a evolução das práticas de colecionar até à atualidade, respetivas características e significados, processos e motivações.

PALAVRAS-CHAVE

Coleções. Colecionadores. Práticas de colecionar.

ABSTRACT

Collectors develop a very peculiar and intense relationship with their objects. Once associated with personal experience, collections influence the collector's identity reflecting much of his/her personality about what is collected and the way is collected. This article intends to address some of these features, namely those related to the practices of collecting, by briefly reviewing the literature and focusing on work of key researchers in this field of study. It offers to reflection an analysis about the development of collecting practices up to the present day, its characteristics and meanings, processes and motivations.

KEYWORDS

Collections. Collectors. Practices of collecting.

¹ Licenciada em História, variante de Arqueologia pela Universidade do Minho (2005) e Mestre em Museologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2013).

Introdução

A relação do Homem com o seu mundo material é uma questão simultaneamente complexa, intrigante e fascinante. Várias são as áreas do conhecimento (História, Arqueologia, Sociologia, Economia, Psicologia ou a Antropologia) que, ao longo do tempo, têm procurado desmistificar a natureza polifacetada dessa ligação, refletindo sobre as suas diversas manifestações, descobrindo-lhes as peculiaridades, revelando os respetivos traços distintivos. As práticas de colecionar apresentam-se como uma expressão dessa interação entre pessoas e objetos, e o seu estudo desafia constantemente investigadores e curiosos a repensarem o seu entendimento sobre o papel dos intervenientes, o processo de comunicação que se estabelece e todo o sistema simbólico gerado. O número crescente de publicações focadas na análise do universo das práticas de colecionar comprova o interesse que a temática suscita mas, sobretudo, o seu potencial como fonte de informação sobre o comportamento social do ser humano.

I. Evolução das práticas de colecionar no tempo: um olhar retrospectivo

Colecionar objetos não é um fenómeno desconhecido ou mesmo recente. Antes pelo contrário, possui “raízes profundas” e apresenta determinadas “especificidades” que sobressaem e o caracterizam em cada época histórica (DUARTE, 2012: 80). De acordo com os testemunhos arqueológicos, já na Pré-História o Homem guardava, protegia e atribuía um valor simbólico a objetos que possuíam características especiais, mesmo não estando associados a necessidades de sobrevivência (POMIAN, 1984: 70; LEROI-GOURHAN, 2007: 73-74). Posteriormente e à medida que as sociedades se transformaram e complexificaram, manteve-se o apreço pelos objetos e a constituição de coleções, que representavam os interesses dos seus proprietários, bem como a sua identidade, poder e conhecimento. Para Gregos e Romanos, a prática de colecionar era, efetivamente, uma atividade elitista, competitiva e honorífica, que conferia estatuto social, refletia a sua cultura e gosto refinado, e legitimava a sua autoridade (BOUNIA, 2004: 129-130; RUTLEDGE, 2012: 33). Na Idade Média, o prestígio das coleções não esmoreceu, apesar de ser um período marcado pela valorização do imaterial em detrimento do lado material da vida. Os tesouros eclesiásticos rivalizavam com os civis e, repletos de diversidade, destacavam-se pelos objetos devocionais e litúrgicos, notabilizando a igreja à qual pertenciam, transformando-a num importante local de culto e peregrinação (ROQUE, 2011: 22). A mentalidade renascentista, por seu lado, centrada no Homem e na Natureza como fontes de conhecimento, deu um grande impulso às práticas de colecionar. Os séculos XV e XVI presenciam o desenvolvimento das coleções enciclopédicas, alimentadas pelo culto da curiosidade e caracterizadas pela enorme diversidade de objetos e uma completa ausência de especialização (OLMI, 2004: 129). No seu conjunto, pretendia-se que representassem tudo o que existia no mundo, um microcosmos que refletia o macrocosmos. Assiste-se, igualmente, à progressiva propagação do gosto pelas coleções a outros estratos sociais e à sua utilização como instrumento de trabalho, capaz de produzir conhecimento. Estas coleções começaram a evidenciar, com o passar do tempo, uma certa especialização e organização funcional dos objetos, denunciando a tendência que prevaleceria no colecionismo europeu de setecentos, ou seja, a especialização das coleções, organizadas a partir de critérios racionais. Muitas delas passaram a constituir o núcleo fundador dos primeiros museus públicos, criados a pensar no progresso da Humanidade. Outras, por sua vez, dão origem

a novas instituições, públicas e privadas, que prestigiam o colecionador mediante a adoção do seu nome. Ao longo do século XX, a produção em massa e a expansão da cultura de massas transformaram as práticas de colecionar num verdadeiro fenômeno de massas (BELK, 1995a: 53). As coleções privadas e institucionais proliferaram, a noção do que era colecionável ganhou uma enorme amplitude, e os espaços, físicos e virtuais, de compra e venda multiplicaram-se, tal como os clubes e associações de colecionadores. Os objetos e as coleções continuaram, por isso, a desempenhar papéis relevantes na vida das pessoas e, tal como os seus pensamentos e opiniões, contribuem ainda para a construção da sua identidade pessoal (WOODWARD, 2007: 174).

2. Coleção, um conceito indefinível?

Mas o que se deve ter em conta quando se fala de uma coleção? Que características tem de possuir para que seja entendida como tal? A definição do conceito de “coleção” é, no mínimo, problemática. Ao longo dos anos, vários especialistas deram o seu contributo, enunciando os aspetos que consideravam ser fundamentais para a construção de uma definição inteligível e, paralelamente, rigorosa. As primeiras reflexões críticas focaram-se nas ideias de conjunto, série ou classe de objetos e o seu valor representativo, mas paulatinamente passaram a abranger também o papel do colecionador enquanto autor da coleção e de toda a constelação de significados a ela associados. Tornou-se importante separar as práticas de colecionar de outras realidades, nomeadamente a mera acumulação, salientando a atitude e os procedimentos adotados pelo colecionador como critérios diferenciadores. Estes desenvolvimentos traduziram-se na perceção, mais ou menos compartilhada, de uma coleção como uma entidade composta por um conjunto de objetos, removidos do circuito das atividades económicas e sem valor utilitário. Esses objetos são selecionados, organizados e classificados, e dotados de significado, o que lhes confere um valor representativo, o poder de na sua individualidade falarem pelo todo e assumirem um único discurso. Em todo o processo, a ação e o gosto do colecionador são determinantes e colecionar é visto como uma prática que se prolonga no tempo, resultando na coleção que, na sua essência, é maior do que a soma das suas partes (OLIVEIRA, 2013: 20). As tentativas de definição do conceito de “coleção” são, todavia, contestadas por investigadores como Susan Pearce (1993: 50), que as encara como um exercício vão. A natureza complexa das práticas de colecionar e a abrangência e flexibilidade do seu conteúdo e significado impossibilitam a criação de uma definição satisfatória. Consequentemente, a investigadora propõe que uma coleção passe a existir a partir do momento em que o colecionador veja o que tem como uma coleção. Surge, assim, a possibilidade de cada pessoa, seja um colecionador ou um investigador, fazer a sua leitura individual do que considera ser uma coleção, em função do que dita a sua própria experiência e conhecimento.

3. Colecionadores: tipologias, processos de colecionar e motivações

A criação de coleções é, de uma forma geral, encarada como uma atividade agradável, apazível, lúdica e que proporciona grandes benefícios, de várias ordens, aos colecionadores. Esta perceção é certamente partilhada por muitas pessoas e está, porventura, associada ao aumento do número de colecionadores que se regista na atualidade. Há, porém, outras realidades no universo das práticas de colecionar que, embora ainda escassamente discutidas, começam agora

a ser estudadas com um interesse reforçado e maior rigor. Neste conjunto, sobressaem as tipologias de colecionadores e a distinção entre colecionadores e acumuladores. William McIntosh e Brandon Schmeichel (2004: 87), citando uma investigação realizada pela empresa americana de marketing, Unity Marketing, descrevem na sua publicação quatro tipos de colecionadores: o colecionador “apaixonado”, obsessivo e emocional que paga qualquer preço pelo objeto que deseja adquirir; o colecionador curioso e inquiridor que vê o colecionismo como um investimento; o colecionador ocupacional que coleciona apenas por divertimento; e o colecionador expressivo que coleciona como forma de afirmação pessoal. Na primeira tipologia, insere-se o que Russell Belk designa de “fanatical collector” (1995b: 481), também mencionado por Ashley Nordsletten e David Mataix-Cols sob a denominação de “extreme collector” (2012: 174). Este colecionador apresenta comportamentos que o aproximam mais de um acumulador do que de um colecionador típico. O colecionismo é uma obsessão que domina todos os aspetos da sua vida, de maneira que dedica todo o seu tempo a planear a próxima aquisição, sem se preocupar com as responsabilidades do dia-a-dia. Este colecionador acredita que toda a felicidade e divertimento existentes no mundo se concentram na sua coleção, de maneira que esta acaba por tornar-se mais importante do que as pessoas que o rodeiam. Afasta-se progressivamente de familiares e amigos, suspeitando, por vezes, que pretendem retirar-lhe a coleção. Geram-se, assim, problemas domésticos que se relacionam também com o dinheiro gasto com a coleção e o espaço que esta ocupa na casa (BELK, 1995b: 482).

A diferenciação entre um colecionador e um acumulador, por seu lado, é ainda um processo intrincado, que carece de mais atenção por parte dos investigadores, assim como de novas perspetivas de análise. Já em 1981, Frederick Baekeland, no seu artigo *Psychological aspects of art collecting*, menciona a necessidade de se discutir esta separação, uma vez que o comportamento evidenciado por ambos é, no seu entender, bastante diferente. Um acumulador limita-se a juntar objetos de forma passiva e sem qualquer noção crítica. Guarda-os compulsivamente porque considera que serão úteis no futuro, esconde-os porque se tornam frequentemente uma fonte de desconforto e vergonha. Susan Pearce (1993: 49) associa o acumular ao simples ato de reunir objetos, sem que haja uma preocupação com a sua organização, sob o pretexto do utilitarismo. Ainda assim, alerta para o facto da linha que separa um colecionador de um acumulador ser ténue, de modo que tudo depende da ação da pessoa.

Com o objetivo de contribuir para a clarificação desta questão, novas abordagens no âmbito da psicologia clínica e da psiquiatria têm focado os seus estudos na caracterização do acumulador e na forma como o seu comportamento afeta negativamente a sua vida. Compreendida como uma patologia, a acumulação é analisada por Ashley Nordsletten e David Mataix-Cols que, mediante a criação de um conjunto provisório de critérios específicos para o diagnóstico do que chamam “Hoarding Disorder” (2012: 166), descrevem o acumulador como sendo, acima de tudo, um acumulador constante e a sua atividade de longa duração, com as primeiras dificuldades a manifestarem-se na infância ou inícios da adolescência e a piorarem com a passagem do tempo. Os objetos que possui são extremamente importantes, devido ao elo emocional criado ou porque se sente responsável por eles. Isto significa que o acumulador não consegue descartar-se dos seus objetos e quando isso acontece numa situação em que se vê forçado a abdicar deles, é depois invadido por um sentimento avassalador de perda e uma ansiedade que reforça o desejo de acumular mais objetos.

O acumulador não se interessa pela funcionalidade dos objetos ou pelo espaço onde os deposita e as questões relacionadas com a sua organização, conservação ou catalogação são igualmente irrelevantes. O acumular cria problemas financeiros, familiares e sociais ao indivíduo. O que os outros pensam acerca do que faz pode desencadear sentimentos de vergonha e culpa, levando-o a isolar-se cada vez mais. Crê, profundamente, que os objetos acumulados terão um papel importante a desempenhar no futuro e, por isso, não os deita fora. Alguns acumuladores pensam estar a criar um legado para as gerações futuras e, neste sentido, perspetivam doar os seus objetos a um museu. Quando isso não se concretiza, procuram alguém de confiança para zelar e dar continuidade à sua acumulação. O presente estudo produziu ainda um conjunto de aspetos que distinguem colecionadores e acumuladores (Tabela 1).

A construção de uma coleção envolve, obrigatoriamente, um conjunto de ações, comumente conhecido como processo de colecionar. William McIntosh e Brandon Schmeichel (2004: 86) identificaram oito etapas que, embora possam alternar-se consoante o *modus operandi* de cada colecionador, vão ao encontro da lógica desse processo. Assim, a primeira etapa corresponde à formação do objetivo, mais concretamente, a decisão de colecionar algo. Este pode ser um ato espontâneo, acidental ou planeado. Segue-se a compilação de toda a informação que existe sobre o tipo de objeto a colecionar. Segundo os investigadores citados, o colecionador deve colocar a si próprio algumas questões: qual o valor destes objetos? Que elementos influenciam o seu estado de conservação? Quem são os especialistas nesta área? Como se exibem? As respostas a estas e outras questões permitem ao indivíduo adquirir conhecimento e construir a sua identidade como colecionador. Uma vez decidida a tipologia do objeto a colecionar e reunidas as informações necessárias para a conhecer melhor, o colecionador traça o plano que visa a obtenção de um ou mais objetos e inicia a sua busca. Paralelamente, ocorre o processo de “fazer a corte” aos objetos desejados, criando-se uma ligação com esses objetos e com a ideia de os adquirir. A etapa seguinte é considerada por muitos colecionadores como sendo a mais entusiasmante, pois envolve o desafio da busca, da localização dos objetos e do desenrolar das negociações que dão lugar à aquisição. O sucesso na aquisição dos objetos pretendidos proporciona uma sensação de grande valorização pessoal e aumenta a autoestima do colecionador. A reação à aquisição constitui um dos momentos que compõem este processo e que os colecionadores gostam bastante de partilhar. A penúltima etapa abrange a manipulação dos objetos, que podem necessitar de trabalhos de restauro ou de um local específico para poderem ser exibidos, e a sua catalogação. Finalmente, a última etapa consiste na repetição de todo o processo ou o regresso a determinadas fases anteriores. Os objetos possuem, de facto, características que os tornam um bom recetáculo para toda uma constelação de significados que as pessoas e, mais concretamente, os colecionadores lhes queiram atribuir. Por conseguinte, onde reside a explicação para esta necessidade de se associarem a objetos? O que leva as pessoas a colecionar? As práticas de colecionar implicam, segundo Susan Pearce, dois processos distintos: o “processo de projeção”, que consiste na substituição do contexto prático e utilitário do objeto por um conteúdo que resulta das vivências do colecionador, e o “processo de interiorização”, durante o qual o colecionador assimila características do objeto (1993: 46-47). Uma vez inserido na coleção, o objeto adquire um determinado significado, que lhe confere um dado valor, tendo por base a ligação emocional que entretanto se estabelece entre colecionador e objeto. Assim, além da sua própria história, um objeto está

associado a um conjunto de significados, que lhe foram passados pelo colecionador e que se relacionam com as suas experiências pessoais. O que encadeia todos os objetos é um fio de emoções que é visível e inteligível apenas para o colecionador, pois é ele o seu criador. Por outro lado, o colecionador escolhe a tipologia de objetos que quer colecionar e, por essa via, ver-se associado. Nem todos os objetos são avaliados da mesma forma pela sociedade. Há objetos que são tradicionalmente mais valorizados e possuem conotações específicas, de poder, triunfo, nobreza, conhecimento e beleza. Se a sua coleção se foca nesses objetos, essas são as características que o colecionador quer transferir para a sua identidade em construção, o seu “eu” ideal, a sua narrativa e discurso. No contexto de uma coleção, a melhor qualidade dos objetos está na sua capacidade performativa, de produzir e espelhar a imagem que o colecionador cria para si e projeta para os outros.

Os objetos desempenham, assim, muitos papéis na vida das pessoas e as práticas de colecionar vão ao encontro de algumas das suas necessidades. Inúmeros estudos de especialistas apontam a absoluta necessidade de existir uma predisposição de natureza possessiva que leva as pessoas a colecionar. Werner Muensterberger (1994: 9) defende que essa predisposição está associada aos afetos, mais concretamente à sua ausência (momentos de privação, perda, vulnerabilidade), que origina a busca de objetos compensadores, através dos quais se recupera o equilíbrio e a autoestima. Contudo, cada objeto assegura apenas um alívio temporário, de maneira que colecionar é também uma busca interminável, que resulta da necessidade perpétua de readquirir a estabilidade emocional. No caso específico de crianças, sentimentos de vulnerabilidade, solidão e ansiedade podem ser temporariamente controlados mediante a adoção de objetos que proporcionam conforto e estão sempre presentes nas suas vidas. É neste contexto que se destaca a relevância do conhecimento da infância do colecionador, uma vez que as primeiras experiências modelam o colecionador na idade adulta, o seu perfil, preferências e processos de colecionar.

Ruth Formanek (1994: 332) considera que muitos colecionadores criam, de facto, coleções para lutar contra sentimentos depressivos, de perda e baixa autoestima. Mas acrescenta que há também colecionadores que encaram a prática de colecionar como um desafio, que lhes permite adquirir novos conhecimentos. Em muitos casos, a prática de colecionar está associada ao sucesso e ao desejo de reconhecimento social, uma vez que se trata de uma prática que sempre esteve relacionada com a noção de sofisticação cultural. Há ainda quem coleccione pela sensação de poder que proporciona ao colecionador quando obtém um objeto desejado por outros. Neste caso, a prática de colecionar transforma-se numa competição e o sucesso conquistado gera no colecionador a ideia de que é invejado e admirado pelos seus rivais. Colecionar pode também estar associado ao desejo de restaurar e preservar objetos históricos para poderem ser apreciados no futuro ou tratar-se, simplesmente, de um investimento financeiro. Colecionar é, para muitos colecionadores, um vício, uma obsessão e os objetos controlam e manipulam o colecionador, levando-o a agir de forma incontinida e irrefletida para saciar o desejo de adquirir o alvo da sua fixação.

Marilynn Karp (2006: 24-25), por seu lado, associa as motivações para colecionar aos conceitos de “caça”, “posse”, “poder” e “domínio”. O entusiasmo da caça, da perseguição do objeto e da sua aquisição fazem o colecionador sentir-se mais inteligente do que os seus rivais que, conseqüentemente, passam a admirá-lo e invejá-lo. A posse do objeto adquirido é um ato de autoafirmação e associa-se ao poder do colecionador, cuja ação em relação à coleção é limita-

Tabela I - Diferenças entre colecionadores e acumuladores. Fonte: A. E. Nordsletten, D. Mataix-Cols (2012: 175).

Aspetos	Colecionador	Acumulador
Início e evolução	Início na infância; evolução intermitente; diminui com o avançar da idade.	Início na infância; evolução contínua; aumenta com o avançar da idade.
Predomínio	± 70% de crianças; ± 30% de adultos; ± 15% de outros adultos.	2-5% de adultos.
Significado dos objetos	Simbólico e sentimental.	Utilitário e sentimental.
Fonte do valor	Valor instrumental é uma preocupação secundária; individual e inter-relacionado; os objetos têm o seu próprio valor, embora seja influenciado pela relação com os outros.	Valor instrumental é uma preocupação primária; individual; cada objeto é valorizado independentemente dos outros.
Conteúdo do objeto	Muito focado; os objetos estão ligados por uma temática; poucas categorias diferentes de objetos.	Pouco focado; os objetos não têm uma temática em comum; grande número de diferentes categorias de objetos.
Uso dos objetos	Comum; 30% dos colecionadores usam as suas coleções.	Raro; os objetos são frequentemente adquiridos com a intenção de uso, mas estudos demonstram que os acumuladores raramente usam os seus objetos.
Processo de aquisição	É constituído por várias fases: planeamento, procura e exibição organizada dos objetos adquiridos.	Não existe planeamento ou exibição organizada dos objetos.
Aquisição excessiva	Os objetos são ativamente adquiridos de acordo com um objetivo; a aquisição excessiva é possível.	Os objetos são adquiridos de forma ativa e passiva; aquisição excessiva.
Razão para a acumulação	Passatempo/lazer; completar uma série; identidade pública.	Controlo; segurança; identidade pessoal.
Nível de organização	Elevado; os espaços da casa funcionais; coleção guardada numa área restrita.	Baixo; a funcionalidade dos espaços da casa é comprometida pela desordem e o caos.
Angústia	Não presente na maioria.	Presente na maioria.
Danos sociais	Mínimos; colecionadores conseguem compatibilizar a coleção com a sua vida social.	Graves; a acumulação está associada a taxas reduzidas de casamentos, taxas elevadas de conflitos e, nalguns casos, a isolamento social.

da apenas pela sua imaginação. O seu domínio é absoluto, o controlo que exerce sobre a coleção não apresenta restrições, pois o colecionador é um “rei divino” que subjuga completamente o seu “território”. Além disso, o colecionador retira uma enorme satisfação do cuidar da coleção, de a manusear, organizar, inventariar e comunicar com ela.

São, deste modo, variadas as motivações que colecionadores e investigadores apresentam para as práticas de colecionar. William King (2008: 28) acredita que as pessoas colecionam objetos porque necessitam de preencher o vazio que têm dentro de si, provocado por experiências de vida negativas, mas também para sobreviver num mundo que considera hostil. Gary Alan Fine subscreve e acrescenta que a prática de colecionar previne o isolamento do indivíduo, a sua alienação e a depressão (FINE, 2004: 175). Perspetivas mais animadoras, associam a prática de colecionar às inúmeras sensações que provoca no colecionador (romance, deleite, excitação, suspense, drama, desafio, triunfo, orgulho, respeito, prestígio, autoridade, felicidade, imersão), ao conhecimento que produz e transmite, à apreciação da beleza de todas as coisas, às novas amizades que se criam ou às viagens ao passado que possibilita. Colecionar, aparentemente, dá todo um outro sentido e significado à vida do colecionador, enriquecendo a sua e a de todos os que o rodeiam.

4. Colecionar na atualidade

As práticas de colecionar são hoje um fenómeno bastante popular em todos os estratos sociais. Segundo Eric Bradley (2012: 5), editor da revista americana *Antique Trader: Antiques & Collectibles*, as pessoas redescobriram o gosto pelo colecionismo, que se encontra uma vez mais associado às noções de elegância, sofisticação e lucro. As coleções aumentaram numericamente, assim como a diversidade de colecionáveis. Às coleções tradicionais, junta-se agora um enorme apreço pelos artefactos ancestrais das culturas orientais, pelos objetos produzidos pelas comunidades indígenas africanas, americanas e australianas (BELK, 1995a: 53) e por objetos de consumo, feitos a partir de materiais desvalorizados e descartados. Estes objetos obsoletos são bastante apelativos para alguns colecionadores, que os recuperam tal como os encontram, gastos, amassados ou estragados (KARP, 2006: 18). Indiferentes às vozes críticas que apontam esses objetos como lixo e os seus colecionadores como pessoas vulgares, sem sensibilidade estética ou intelectual, estes colecionadores criam as suas coleções com deliberado orgulho, intensidade e seriedade, desafiando as autoridades culturais e o sistema simbólico de valores por elas criado (PEARCE, 1995: 304-305). Buscam, assim, com reconhecida perseverança estes objetos desvalorizados, porque acreditam que um dia deixarão de existir e que a sua reunião numa coleção é a única forma de os salvaguardar para as gerações futuras. Paul Martin (1999: 56) considera que a criação destas coleções parte, efetivamente, de um desafio que consiste em valorizar o que é rejeitado. No mesmo sentido argumenta William King, ele próprio um colecionador de objetos desvalorizados, quando afirma: “o que eu gosto é da potência do objeto impotente, a vida renovada e adorável que eu encontro nos objetos mortos e desprezados, algo no nada” (2008: 42).

Independentemente da tipologia de objetos que uma pessoa decide colecionar, o colecionador típico vê esta prática como uma forma de lazer privada e digna, uma atividade agradável e divertida, que proporciona sensações de bem-estar e contentamento. Representa aqueles momentos em que põe de lado as responsabilidades, a seriedade e os problemas do quotidiano, se abstrai da realidade e se recolhe nesse mundo simbólico e imaginário que construiu e que controla na totalidade. Sentimentos idênticos emergem quando o colecionador

é membro de um clube ou associação de colecionadores. É nestas comunidades que o colecionador se sente compreendido e valorizado, porque se identifica com os outros colecionadores, reconhece os interesses e preocupações que têm em comum e que partilham entre si. Num ambiente, geralmente, relaxado, bem-humorado e amigável, os colecionadores convivem, adquirem conhecimento, trocam informações, mostram a sua coleção e criam uma rede de contactos. Paul Martin (1999: 67) alega que enquanto os clubes masculinos propiciam competições amigáveis entre os seus membros, os clubes femininos cultivam as redes de amizade. Além dos aspetos relacionados com a coleção, partilham as suas histórias de vida, dão conselhos e apoio em situações difíceis (problemas familiares e profissionais, doenças), e celebram em conjunto momentos felizes (aniversários, gravidezes, casas, empregos ou carros novos).

As práticas de colecionar encontraram na Internet um aliado precioso. No ciberespaço abundam oportunidades para qualquer colecionador, interessado em expandir os seus conhecimentos, em adquirir, trocar ou vender objetos, partilhar e exibir as suas coleções perante uma enorme audiência ou mesmo em conviver virtualmente com outros colecionadores. Trata-se, pois, de uma alternativa aos clubes de colecionadores com estrutura física e aos espaços comuns de compra e venda de objetos, como as tradicionais casas de leilões, galerias de arte, lojas de antiguidades, mercados e feiras. A estes juntam-se ainda os programas de televisão, os jornais e revistas da especialidade.

Muitos colecionadores de hoje criam as suas coleções apenas com a intenção de as voltar a vender (PEARCE, 1998: 14). A prática de colecionar é encarada como um jogo altamente competitivo, de modo que comprar, trocar e vender são procedimentos normais que visam o refinar da coleção e a validação coletiva da mesma. Nesse sentido, os colecionadores procuram conhecer as coleções de outros colecionadores e avaliam a sua qualidade, comparando-a com a sua coleção. Em causa, não estão apenas questões relacionadas com o lucro que antevêm com a venda de uma coleção de melhor qualidade, mas também com a sua autoestima. O seu objetivo passa por construir a melhor coleção, sem um grande investimento. Estes são os colecionadores que, segundo Marilyn Karp (2006: 326), desenvolvem relacionamentos de curta duração com as coleções. Neste grupo, incluem-se também os colecionadores mais propensos a influências externas capazes de alterar as suas prioridades e interesses. No lado oposto, encontram-se os colecionadores cujas coleções têm uma relevância sem paralelo nas suas vidas, desempenhando um papel vital na forma como apreendem o mundo e se posicionam nele. Os objetos têm um valor simbólico e a coleção funciona como uma extensão do colecionador, de modo que vendê-la é impensável. Outras preocupações inquietam este colecionador, nomeadamente o completar da coleção e decidir o seu destino. De forma a evitar a finalização da coleção, várias estratégias são delineadas, como iniciar uma nova coleção ou ter várias ao mesmo tempo. Todavia, à medida que o colecionador envelhece e perante a certeza de que a coleção lhe sobreviverá, torna-se um imperativo encontrar uma solução perene que assegure a sua integridade física. O maior receio do colecionador prende-se com o seu desmantelamento, venda ou destruição. A primeira opção passa, geralmente, por tentar aliciar um familiar para lhe dar continuidade, embora outras escolhas possam ser viáveis, designadamente doar a coleção a um museu ou, se existirem recursos, criar um, onde a coleção possa estar em permanente exibição.

A incorporação da coleção num museu pode ser encarada como uma forma de legitimação pública da mesma e do importante contributo do cole-

cionador que, por esta via, julga estar assegurada a sua sobrevivência e integridade, alcançando assim uma espécie de imortalidade. A realidade, porém, é que, na maior parte dos casos, o seu destino acaba por ser muito diferente do desejado pelo colecionador. Apesar do papel das coleções, no seio das instituições museológicas, ser reconhecidamente crucial, verifica-se ainda, por motivos vários, algum alheamento e desvalorização de determinadas coleções. Essa indiferença, que compromete seriamente a concretização da missão dos museus, assim como a confiança que neles se deposita, tem sido combatida a partir do exterior, muito por força da investigação desenvolvida nas universidades, mas também do interior, verificando-se um maior investimento dos museus na valorização do seu acervo.

Considerações finais

A história do Homem é também uma história de objetos e as práticas de colecionar constituem uma expressão dessa ligação. Evidenciando características distintas consoante a época histórica, o ato de colecionar objetos apresenta-se como um importante mecanismo de interpretação e posicionamento do indivíduo perante o mundo, e, como tal, um fenómeno social que tem merecido e continua a granjear a atenção de investigadores de diversas áreas do conhecimento.

Se a definição do conceito de “coleção” divide ainda opiniões devido à sua complexidade, novas pesquisas e interpretações têm contribuído para um maior esclarecimento relativamente à caracterização do colecionador e do acumulador; às motivações para colecionar e aos processos de colecionar. Paralelamente, o estudo das práticas de colecionar na atualidade aponta para um aumento do número de colecionadores e salienta, no contexto de uma maior diversidade de colecionáveis, as coleções de objetos de consumo, a multiplicação de clubes e associações de colecionadores, as vantagens da Internet, bem como uma nova relação do colecionador com a sua coleção, pautada pelo lucro que obtém com a venda da mesma.

As práticas de colecionar assemelham-se, assim, a uma odisseia e cada coleção representa a narrativa de uma viagem, cheia de aventuras e peripécias. Os seus protagonistas são dotados de características extraordinárias e a sua história em conjunto, umas vezes calma, outras vezes atribulada, existe para ser contada. É desta forma que algumas pessoas vêem a sua própria biografia, enquanto colecionadores. Todavia, a história a partilhar não é apenas a sua mas, sobretudo, a do seu *alter ego*, que emerge da sua coleção, essa entidade que não conhece limites de espaço ou tempo, que representa, revela e imortaliza.

Referências

- BAEKELAND, Frederick. Psychological aspects of art collecting. In: PEARCE, Susan M. (Org.). *Interpreting objects and collections*. London: Routledge, 1994. p. 205-219.
- BELK, Russell W. *Collecting in a consumer society*. London: Routledge, 1995a.
- BELK, Russell W. Collecting as luxury consumption: effects on individuals and households. *Journal of Economic Psychology*, Amesterdão, v. 16, n. 3, p. 477-490, setembro, 1995b.
- BOUNIA, Alexandra. *The nature of classical collecting: collectors and collections, 100 BCE-100 CE*. Aldershot: Ashgate, 2004.
- BRADLEY, Eric. *Antique Trader: Antiques & Collectibles 2013 Price Guide*. Wisconsin: Krause Publications, 2012.

- DUARTE, Adelaide Manuela. *Da coleção ao museu. O colecionismo privado de arte moderna e contemporânea em Portugal, na segunda metade do século XX. Contributos para a história da museologia*. 2012. Dissertação (Doutoramento em Museologia e Património Cultural) - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012.
- FINE, Gary A. *Everyday genius: self-taught art and the culture of authenticity*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2004.
- FORMANEK, Ruth. Why they collect: collectors reveal their motivations. In: PEARCE, Susan M. (Org.). *Interpreting objects and collections*. London: Routledge, 1994. p. 327-335.
- KARP, Marilyn G. *In flagrante collecto*. New York: Abrams, 2006.
- KING, William D. *Collections of nothing*. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.
- LEROI-GOURHAN, André. *As religiões da Pré-História*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- MARTIN, Paul. *Popular collecting and the everyday self: the reinvention of museums?* London and New York: Leicester University Press, 1999.
- McINTOSH, William D.; SCHMEICHEL, Brandon. Collectors and collecting: a social psychological perspective. *Leisure Sciences: An Interdisciplinary Journal*, London, v. 26, n. 1, p. 85-97, agosto, 2004.
- MUENSTERBERGER, Werner. *Collecting: an unruly passion. Psychological perspectives*. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- NORDSLETTEN, Ashley E.; MATAIX-COLS, David. Hoarding versus collecting: Where does pathology diverge from play? *Clinical Psychology Review*, Oxford, vol. 32, n. 3, p. 165-176, abril, 2012.
- OLIVEIRA, Célia. *Biografias e coleções: um caso de estudo. A Coleção de Postais Ilustrados do Coronel José Marcelino Barreira*. 2013. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2013.
- OLMI, Giuseppe. Science-Honour-Metaphor: italian cabinets of the sixteenth and seventeenth centuries. In: PREZIOSI, Donald; FARAGO, Claire (Org.). *Grasping the world: the idea of museum*. Aldershot: Ashgate, 2004. p. 129-143.
- PEARCE, Susan M. *Museum, objects and collections: a cultural study*. Washington: Smithsonian University Press, 1993.
- PEARCE, Susan M. *On collecting: an investigation into collecting in the european tradition*. London: Routledge, 1995.
- PEARCE, Susan M. *Collecting in contemporary practice*. London: Sage Publications, 1998.
- POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: ROMANO, Ruggiero (Dir.). *Enciclopédia Einaudi: Memória e História*, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.
- ROQUE, Maria I. *O sagrado no museu*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.
- RUTLEDGE, Steven H. *Ancient Rome as a museum: power, identity, and the culture of collecting*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- WOODWARD, Ian. *Understanding material culture*. London: Sage Publications, 2007.

Artigo recebido em maio de 2016. Aprovado em maio de 2017.